

CULT
DE CULTURA

POP!

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

CADERNO DE RESUMOS



GT 6 - QUESTÕES DE GÊNERO NA CULTURA POP

Sexta-feira – 09/10 – das 14h às 17h

Coordenador: Larissa Tamborindenguy Becko

A PERFORMANCE DO GÊNERO QUEER EM “HORA DA AVENTURA”

Amaro Xavier Braga Jr.⁷²

Ana Lorena Paiva⁷³

Introdução

Desenhos animados ou animações, para simplificar, são uma parte importante do universo da Cultura Pop contemporânea. Suas formas desenhadas, episódios ligeiros, durabilidade ampliada, cores fortes e linguagem acessível, tem ganhado o público e as empresas. Assim como todo material deste campo, é altamente suscetível às vicissitudes do mercado. Ainda assim, entre tantos produtos da cultura pop, as animações possuem uma dimensão ficcional mais ampliada e fantástica. E coloridos como material infantil, podem conter debates políticos, inferências críticas sobre a sociedade e o mundo dos costumes e um acervo imenso de crítica social que passa despercebido pelos crivos do mundo adulto e da censura, principalmente no Brasil. (BRAGA JR, 2015a; 2015b)

Muitas vezes, é pela ludicidade que os autores conseguem tratar temas dos mais complexos, fazendo, através do riso e da diversão, fluir a compreensão sobre tabus, sobre a cultura dos costumes e a essência da sociedade. E o debate sobre as questões de gênero e sexualidade tem sido um destes aspectos bastante discutido nos desenhos animados e linguagens congêneres. Personagens, enredos e situações presentes nestes materiais apresentam, muitas vezes anestesiados pela comicidade, o sofrimento e a luta de pessoas transgêneros, das multiplicidades das identidades sexuais e as variações do comportamento de gênero e toda uma gama de situações de discriminação e enfrentamento resiliente que terminam atuando como processos de educação voltados para a diversidade (BRAGA JR, 2014; 2016; BRAGA JR; MARGONARI, 2015; BRAGA JR; SILVA, 2015).

O desenho animado estadunidense “Hora da Aventura” (Adventure Time) se enquadra neste patamar. Nosso intuito, neste trabalho, é apresentar estes elementos que discussão sobre a diversidade de gênero e como eles contribuem para entender a questão da “performatividade de gênero” descrita por Judith Butler (2003), buscando assim, problematizar a representação dos gêneros sociais no desenho animado e contribuir para a discussão sobre gênero e sexualidade.

⁷² Doutor em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, E-mail: axbraga@gmail.com

⁷³ Graduada em Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal de Alagoas, E-mail: loorenapaiva@hotmail.com



Este trabalho se compõe, portanto, de uma análise da série de desenhos animados, cujos personagens e enredos foram destacados a partir da sua relevância para compreender esta dada dimensão.

Para tanto, seguimos por vias de uma Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), no qual os episódios foram assistidos, catalogados e estruturado na forma de referências de situação e descrição de suas características de personalidade, de aparência e na interação com outros personagens (diálogos), que estivessem exclusivamente relacionados com a percepção variante de gênero. A categoria principal foi a descrição dos estereótipos associados aos papéis de gênero dos personagens do desenho animado. Assim, para elucidar esta dimensão, foi necessário descrever as cenas, personagens e situações para expor seu conteúdo e seu discurso imagético sobre a plasticidade dos gêneros.

Sobre a performatividade de gênero

Judith Butler (2003) em seu clássico trabalho sobre a problemática do gênero, esclarece que a identidade de gênero é uma performance influenciada pelas sanções sociais e, essencialmente, pela dimensão antropológica do Tabu. Isto é, uma dada situação que social e culturalmente é proibida aos indivíduos de forma tal que sua mudança, ajuste ou variação é interdito. De certa forma, esta percepção já havia ocorrido antes no trabalho de Simone de Beauvoir (1949, p.09), quando afirmou: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”.

Nesta perspectiva, a percepção do gênero feminino, isto é, do comportamento associado às mulheres e seus aspectos de feminilidade são construídos por diversos processos que nascem na percepção do corpo, tomando como base a aparência do órgão reprodutor, mas independem, biologicamente, de suas propriedades: “[...] a "verdadeira mulher" é um produto artificial que a civilização fabrica, como outrora eram fabricados castrados; seus pretensos "instintos" de coquetismo, de docilidade são-lhe insuflados, como ao homem o orgulho fálico” (BEAUVOIR, 1949, p.147).

Assim, a feminilidade é uma construção social que toma como base um “Outro”. É aquilo que o masculino não é. E vice-versa. Isto é, tanto em Butler, quanto em Beauvoir, o gênero é uma construção cuja dimensão biológica (a natureza do nascimento) não é imperativa sobre os corpos dos indivíduos. São os conjuntos destas práticas que recaem sobre os indivíduos, através da cultura e do processo de socialização, e o diálogo que os indivíduos estabelecem com seu próprio eu (na tensão entre suas identidades mentais e sua percepção do corpo material desta identidade) no enfrentamento e na adaptação destes scripts sociais, que constituem o que Butler chama de “performatividade de gênero” (BUTLER, 2003, p.8).

As Teorias Queer propõem pensar numa “Performatividade Queer”, e enfatizam justamente, as identidades dissidentes que fogem a heteronormatividade, através da ritualização do ato performático e a não observância da dicotomia sexo\gênero. São pessoas que não se enquadram nos padrões (hetero)normativos. Pessoas cuja aparência do corpo,



modos de fala, trejeitos e gostos sexuais são dissidentes e contrariam a expectativa gerada. Há um impasse entre quem estas pessoas são, como são identificadas e a avaliação que os outros fazem delas.

Algumas discussões

Para que os padrões não heteronormativos sejam vivificados, é necessário compará-los com a heteronormatividade. O personagem Finn, representa este campo. Finn representa a completa estereotipia da heteronormatividade: um menino que vive correndo atrás de princesas e querendo demonstrar sua valentia, coragem e ímpeto. Quer namorar todas as princesas do Reino e fica surpreso e chateado quando é rejeitado. Seu melhor amigo, o cão Jake, também representa, em parte, a mesma dimensão de masculinidade tradicional. Pai relapso, compartilhador de “nudes”, passa o dia jogando videogame e fugindo de compromissos. Apesar de serem personagens principais da série, sua dimensão comportamental é o pano de contrastes para todas as outras personagens femininas da série.

O universo das personagens femininas neste desenho animado também é uma grande crítica satírica aos estereótipos femininos veiculados pela mídia e pelos produtos midiáticos televisivos de desenhos animados para crianças. Boa parte destas personagens femininas são “Princesas”. Uma sátira às proliferações de Princesas Disney e do discurso de feminilidade a elas associados. As Princesas de Hora de Aventura quebram com o estereótipo principesco, seja pela aparência burlesca, “masculina” e perigosa; seja pela personalidade forte e impositiva. São Princesas que rejeitam as investidas dos homens. Tem interesse em brincadeiras sexuais e na diversão que meninos podem proporcionar. São todas mulheres fortes, com opinião, vontade e autoridade sobre si e sobre o que querem da vida, mesmo que estejam correndo atrás e disputando um garoto ou fugindo de um velho que desejar casar com elas.

Há princesas que são desenhadas como homens grandes fortes como a Princesa Músculos e a Princesa Caranguejo, mas sempre tem comportamento amistoso e afável. Assim como, uma das críticas mais ácidas no desenho é para a Princesa Esposa, a única criada por um homem (o vilão, Rei do Gelo) que todos têm medo, nojo e repugnância de “sua feiura”. Ela é a única Princesa considerada feia entre todas. Mesmo havendo uma Princesa Trapinho, que veste roupas sujas e velhas; uma princesa senhorinha, completamente enrugada. Ou mesmo, a Princesa Princesa, uma mutação com quatro cabeças, sendo uma delas demoníaca. A única que causa asco na comunidade de Ooo é aquela que foi construída para ser “Esposa”.

A aparência fora dos padrões e sua personalidade agressiva fazem de Princesa Carçoço um claro exemplo de subversão de gênero de acordo com os estudos de Butler (2003), que não segue os padrões de ordem comum para mulheres, como ser magra e esbelta, ou caridosa e benevolente; até mesmo, feminina. A Princesa Carçoço tem voz grave e masculina. É ríspida nos tratos.

Esta diversidade de personagens em Hora de Aventura, corrobora para a pluralidade de gênero despreendida do sexo, de forma que a estrutura do corpo (design de personagem, cores e contexto) não é um indicativo de seu gênero. Os personagens são tratados de acordo



com o gênero autodeterminado, sem causar nenhum tipo de estranheza para a sociedade em geral. São personagens que são intergêneros ou transgêneros, ou ainda, não-binários. Uma confluência de gêneros híbridos que quebram o padrão heteronormativos.

Palavras-chaves: Gêneros Dissidentes; Desenhos Animados; Teorias Queer; Representação de gêneros.

Referências:

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a Experiência vivida**. Vol. 2, São Paulo: Difel, 1949.

BRAGA JR, A. X. **Por uma sociologia da imagem desenhada: reprodução, estereótipo e actância nos quadrinhos de super-heróis da Marvel Comics**. Universidade Federal de Pernambuco (Doutorado em Sociologia), Recife: UFPE, 2015a. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16364>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BRAGA JR, A. X. (Org.). **Questões de Sexualidade nas Histórias em Quadrinhos**. Maceió: EDUFAL, 2014.

BRAGA JR, A. X.. O Humor dos Mangás e a Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero. **Nona Arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos**, v.5, n.1, p.33 - 44, ago. 2016. São Paulo: ECA-USP. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/188/192>. Acessado em: 20 jan. 2020.

BRAGA JR, A. X.; MARGONARI, Denise. O humor das tiras em quadrinhos na educação para a diversidade sexual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.10, n. esp., n.2, p. 1603-1621, 2015. São Paulo: UNESP/ Espanha: Universidad de Alcalá de Henares. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8339/5647> . Acessado em: 20 jan. 2020.

BRAGA JR, A. X.; SILVA, V. F. da (Org.). **Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos**. Maceió: EDUFAL, 2015.

BRAGA JR, Amaro Xavier. A linguagem dos quadrinhos enquanto recurso didático nas aulas de sociologia. In BRAGA JR, A. X.; MODENESI, T. **Quadrinhos e Educação**, vol. 2: Procedimentos Didáticos. Jaboatão dos Guararapes: Faculdade dos Guararapes, 2015b, p. 07-28. Disponível em:



<https://drive.google.com/file/d/1rQvX8Vq8iqhEdxVjjQcM2cfmEHZFmSUI/view> .

Acessado em: 20 jan. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.